



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15595 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT09 - Trabalho e Educação

AFETOS DOCENTES: RELAÇÕES EXPRESSIVAS NA COTIDIANIDADE
 Luysienne Silva de Oliveira - UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
 Maria Núbia Barbosa Bonfim - UFMA - Universidade Federal do Maranhão
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

AFETOS DOCENTES: RELAÇÕES EXPRESSIVAS NA COTIDIANIDADE

1 INTRODUÇÃO

Nos espaços escolares movimentam-se opiniões, crenças, culturas e representações que orientam a conduta dos atores que cotidianamente dão vida às instituições educativas, contextos nos quais se evidencia a influência dos fatores ambientais, sociais, econômicos, cognitivos e afetivos sobre as consciências e práticas humanas. Dentre esses atores, destaca-se o professor, que ao ser humano, incompleto e desejante (Ornellas, 2009), torna-se um professor-sujeito, que ao vivenciar o seu exercício laboral constrói laços com os diversos grupos dentro da escola, mobilizando afetos.

Nesse sentido, o estudo dos afetos aquece as relações friamente desenvolvidas no cotidiano e objetivamente dadas em busca da realização mecanizada de ações educativas, sejam elas dentro ou fora da sala de aula. Sobre esse aspecto, Arruda (2009) discute a afetividade como manifestações subjetivas que direcionam emoções e sentimentos capazes de despertar diferentes comportamentos nas pessoas.

Diante disso, neste estudo em andamento iniciado em 2022 numa Universidade Federal brasileira, financiado pela Fundação de Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, objetiva-se analisar as manifestações de afeto dos professores e suas relações expressivas na cotidianidade laboral em uma escola pública de Pedreiras, município da região

central do Maranhão, apoiadas na Teoria das Representações Sociais-TRS, de natureza psicossocial entendida e, de certa forma, conceituada como uma forma de conhecimento socialmente elaborado que tem como matéria-prima o senso comum.

Nesse contexto, guiando-se pela linha moscoviciana, as representações sociais formam-se a partir de dois processos: a ancoragem e a objetivação. Para justificá-los, Moscovici (2015) explica que a palavra Representação significa “imagem/significação”, isto é, a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem, posicionando esses mecanismos como faces de uma mesma moeda não havendo uma ordem em que aconteça.

A ancoragem classifica, rotula e conceitua as imagens, dando sentido e nome às coisas, tornando familiar aquilo que, até então, era desconhecido e estranho num movimento que se dá de fora para dentro do psicológico do sujeito. Nesse processo os indivíduos constroem representações a partir de um “fundo comum” (Jodelet, 2021), servindo de base nas posições assumidas pelos sujeitos. Já a objetivação está mais direcionada de dentro para fora, reproduzindo tais conceitos no ambiente social, no mundo exterior, a partir de imagens, na transformação de algo abstrato, conceitual, em algo concreto, quase tangível, transferindo o que está na mente do sujeito em algo que existe no mundo físico (Moscovici, 2015).

Nessa perspectiva, surgiram questionamentos acerca dos afetos e das representações sociais quando se trata de cotidianidade e de professores, dentre os quais elegemos para desenvolver este recorte: Que afetos afloram na cotidianidade escolar? Como o professor manifesta afetos no exercício laboral na mira do seu saber-fazer?

Metodologicamente, a coleta de dados se realiza por meio de parte do Protocolo de um projeto desenvolvido através da Fundação Carlos Chagas, que se dá por observações e envio de uma Carta ao Docente com estímulo a narrativas e perguntas relacionadas ao problema de pesquisa posteriormente organizadas em um Quadro de Amostra Dupla (Bardin, 2016).

O texto se desdobra em discussões acerca da dimensão afetiva das representações sociais; em seguida abarca o professor-sujeito e a cotidianidade laboral. Após, segue-se o percurso metodológico com os caminhos percorridos na coleta e sistematização dos dados. Ao final, trazemos os resultados e discussões possíveis, já que se trata de um estudo em andamento e, por fim, algumas considerações já acreditáveis.

Os resultados parciais apontam que os professores dispõem de esforços realizados para o fortalecimento das vivências com os outros, desvelando representações construídas nas mediações intersubjetivas revelados por afetos e

desafetos, como sentimentos que levam às avaliações positivas ou negativas das coisas no cotidiano, configurando uma identidade e também a construção estratégica de convivência no mundo e a tentativa de interpretá-lo.

2 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A DIMENSÃO AFETIVA

As Representações Sociais de Moscovici são construídas na interação entre pessoas distintas nos grupos sociais que, partindo do momento de conversação, constroem um novo conhecimento e um novo grupo social, formando teias de relações e tornando familiar aquilo que era estranho.

Moscovici (2015) discute vias de acesso para a compreensão das dimensões da Teoria, de modo que aponta três delas sob as quais o conceito se assenta: a informação que se refere aos saberes consensuais, aqueles distribuídos e compartilhados criando o campo de base para a construção de um grupo social; o campo de representação que se refere às informações mais densas e significativas do objeto, onde começamos a ancorar os novos conceitos em conceitos já existentes, formando teias de informações. E a atitude, mais voltada para as manifestações, traz em seu bojo elementos afetivos, cognitivos e comportamentais. Se refere à tomada de posição dos sujeitos frente às situações.

Quando falamos em afetos nos remetemos, também, aos sentimentos que guardamos internamente e em seguida externamos a quem nos desperta certas sensações e atitudes nas mais diversas situações cotidianas. Dessa forma, a reflexão acerca dos afetos na cotidianidade dos professores se dá a partir do entendimento de como esses afetos agem no subjetivo e como moldam as atitudes.

Consideram-se, pois, os afetos assim como a cognição parte da estrutura que referencia as representações sociais, superando a dicotomia entre afeto e cognição por meio da memória afetivo-emocional, criando ideias hegemônicas e planejando as condutas sociais (Ornellas & Oliveira, 2022). Nesse sentido, percebemos que há caminhos que direcionam o que sentimos e expomos em nossas condutas e como esses sentimentos, agrupados pelos afetos, funcionam em nosso organismo e mente.

Na abordagem pedagógica, os afetos são conceituados e refletidos direcionadamente ao processo ensino-aprendizagem, visto envolver relações diárias e interações humanas. Para Wallon (2007) a afetividade é um domínio funcional cujo desenvolvimento é dependente da ação do fator orgânico e do fator social. Entre esses dois fatores existe uma relação recíproca na qual os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da existência e da vivência, em que de um lado o sujeito que representa não vê aquilo como objeto, mas como o real; e de outro, a forma como o grupo situa o objeto (Campos, 2023).

Essas reflexões se moldam na perspectiva de que o homem é um ser que pensa e sente simultaneamente, o que nos leva a entender que a dimensão afetiva “está sempre presente em todas as relações que o sujeito estabelece com o outro e com os diversos objetos culturais” (Leite, 2018, p. 19), por esse motivo, as relações vivenciadas pelos professores e demais atores educativos no exercício de suas práticas laborais podem ser permeadas de afetividade, sejam elas pautadas em afetos bons ou ruins.

Diante das reflexões acerca da dimensão afetiva, somos levados a considerar que os afetos se dão como uma “via de mão dupla”, visto que ao mesmo tempo que direciona atitudes no contexto em que as representações se formam, o convívio e as relações grupais engendram o nascimento de afetos. Dessa forma, o contexto em que os afetos ocorrem torna-se fundamental para compreendê-los.

2.1 A cotidianidade escolar, o professor-sujeito e a subjetividade

Ao buscarmos compreensão sobre os afetos e como se manifestam nas situações comunicativas e laborais dos professores, necessitamos falar sobre a “potência do cotidiano” (Arruda, 2009), construído de dinamicidade e de fluidez que exigem posicionamentos e escolhas nas mais diversas situações.

Entendemos, logo, que na vivência do cotidiano os afetos nos permitem elaborar diversas mobilizações que alimentam a construção das relações. Nessa perspectiva, Arruda (2009) chama a atenção para a Teoria das Emoções formada por dois grandes afetos: os sentimentos, direcionados aos estados de ânimo e às avaliações positivas ou negativas das coisas, como a depressão e a ansiedade; e as emoções, fenômeno mais intenso e complexo que reorienta as condutas, a exemplo do medo e da raiva. A autora aponta ainda para o fenômeno da adesão, que reforça a identidade pessoal. Nesse processo, os sentimentos nos levam à vinculação a um coletivo que, por sua vez, nos leva ao sentimento de pertencimento ao grupo.

Dessa forma a relação entre as representações e o contexto educativo reside em compreender o movimento entre as estruturas simbólicas e o processo educativo, isso porque “as representações sociais, concebidas como saberes dinâmicos, são reagentes ao seu meio social” (Jodelet, 2021, p. 123). Nessa direção, é possível que haja condições em que os afetos afloram com maior ou com menor intensidade na guia às práticas.

A partir dos estudos de Ornellas (2009) entendemos que o ser sujeito racional que perdurou anos, foi se constituindo ser subjetivo por via de adventos epistemológicos que deixaram “marcas fundantes na filosofia ocidental” (p. 122). Nesse sentido, o chamado professor-sujeito, mostra-se um ser desejante, incompleto e, ao mesmo tempo, objeto de desejo do seu grupo de convívio na

escola, principalmente durante seu exercício em sala de aula, não se desvinculando do contexto em que estão inseridos, ou seja, há uma realidade complexa sobre o espírito da época que paira no ambiente social e todos os elementos que envolvem as situações dinâmicas.

Outro ponto a ser observado se dá na determinação das práticas guiadas pelas representações nas situações em que a carga afetiva é forte, situações que remetem a significados dotados de grande importância ou intensamente marcados por valores sociais do grupo. Isso quer dizer que o professor-sujeito envolve-se com o ambiente escolar profissionalmente, mas, ao mesmo tempo, marcado por representações e guiados por afetos, direcionando ao amadurecimento de uma memória coletiva fortalecendo o pertencimento e a identidade nas práticas e na realização do seu papel docente.

2.3 Caminhos metodológicos

Visando atingir os objetivos propostos, a investigação conta com uma pesquisa de campo em uma escola pública municipal que oferece o Ensino Fundamental Séries Finais, situada em um bairro popular na zona urbana de Pedreiras – MA.

Os sujeitos da pesquisa são os professores de Língua Portuguesa dos turnos matutino e vespertino da referida escola. Essas escolhas justificam-se por nossa formação inicial em Letras, promovendo facilidade de contato com os professores e à articulação da TRS com a linguagem.

Na coleta de dados utilizamos parte de um roteiro de observações de um projeto desenvolvido pelo Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade - Educação (CIERS-ed) e a Cátedra UNESCO sobre profissionalização docente do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, intitulado *Olhares psicossociais para a prática docente* que objetiva oferecer uma pluralidade de informações contextualizadas sobre o cotidiano escolar com foco no trabalho de professores (as).

Com parte do roteiro do Protocolo, iniciamos as observações no ambiente da escola, levantando detalhes sobre a instituição e sobre os professores participantes para conhecimento dos seus perfis. Após esse levantamento, partimos para as observações na sala de aula desses professores. Adequamos o roteiro do Protocolo direcionando para observações de duas aulas em cada série nas turmas de 6º ao 9º ano na disciplina de Língua Portuguesa.

Nas observações em sala de aula, seguimos as instruções de registro que direciona a informações sobre data e duração das aulas, assim como o clima, a organização do espaço, as interações entre docentes e alunos durante e após as

aulas nos espaços da escola.

Em seguida direcionamos aos professores uma *Carta ao Docente*, com o objetivo de “promover a construção de uma narrativa sobre sua atividade profissional cotidiana” (Protocolo Olhares, 2017, p. 8). Nesse instrumento, antecipase um enunciado em que se pergunta sobre a escola, o ambiente, os alunos, o trabalho, dentre outros elementos importantes no direcionamento da compreensão das representações que os professores tem de si, dos alunos, da prática e do contexto da escola. Aproveitando a oportunidade das Cartas, levantamos ao final do estímulo dado três duplas de perguntas (seis perguntas ao todo), posteriormente organizadas em um Quadro de Amostra Dupla (Bardin, 2016). As questões foram direcionadas ao tema da pesquisa e elaboradas a fim de respondermos à problemática proposta.

2.4 Resultados e discussões da pesquisa

A organização das respostas das três duplas de perguntas inseridas na Carta ao Docente para construção do Quadro de Amostra Dupla consistiu em uma organização das respostas dos entrevistados que foi analisada junto às narrativas dos docentes.

Nessa sistematização, visamos a análise que explora perguntas mais descritivas do lado esquerdo do Quadro e do lado direito, elencamos perguntas mais direcionadas ao senso comum, como experiências pessoais decorrentes de um saber. Essa interpretação “deve ser controlada, com consciente formulação de hipóteses implícitas e explicitação dos indicadores que permitem a inferência” (Bardin, 2016, p. 68).

Nessa perspectiva, para a classificação das respostas com uma amostra de 5 professores como recorte para este texto, tratamos os resultados organizando-os inicialmente por objetos de referência (Figura 1) e, em segundo momento, discutimos os resultados também com base nas narrativas das Cartas, sendo possível “inferir determinados conhecimentos a propósito da imagem socioafetiva” (p. 68).

FIGURA 1 – Quadro de Amostra Dupla

Pergunta A – Quais atitudes você toma ao encontrar os demais professores na escola? Pergunta B – Como você se sentiria se tivesse que sair desse grupo de trabalho?		
Cód.	RESPOSTA A	RESPOSTA B
P1	Digo “bom dia”	Ficaria muito triste
P2	Abraço	Sofreria
P3	Abro meu armário	Normal
P4	Cumprimento com aperto de mão	Gosto da minha equipe de trabalho, sentiria falta
P5	Digo palavras de entusiasmo	Ficaria desanimado, já construí laços

Fonte: Autora (2024).

De acordo com as respostas, podemos considerar como objetos de referência da pergunta A: *atitudes, gestos, cumprimento, palavras*. Esses objetos mostram-se mais descritivos a respeito da pergunta realizada. Como objetos de referência da pergunta B podemos citar: *sentimentos negativos, gosto pela equipe, laços*, que se revelam mais voltados às questões afetivas embaladas pelo senso comum.

Percebemos a partir dos objetos de referências e das narrativas que os professores dispõem de esforços realizados para o fortalecimento da formação de laços na vivência cotidiana, desvelando representações construídas nas mediações intersubjetivas que ocorrem em espaços comuns onde acontecem processos que desenvolvem saberes gerais possivelmente mobilizados por afetos de natureza negativa como a tristeza, o sofrimento e o desânimo; mas também de natureza positiva como alegria e gosto que promovem o prazer e a satisfação entendidos como sentimentos que levam às avaliações positivas ou negativas das coisas, configurando uma identidade e também a construção estratégica de convivência no mundo e a tentativa de interpretá-lo.

Esse clima afetivo pode se dar como lentes por onde avaliamos e construímos nossas relações e comportamentos. Nossa forma de ver o mundo ao mesmo tempo que se mostra talvez estaticizada por uma questão cultural se dá dinamicamente pela via dos estados de ânimo provocados pelos afetos e pelas representação sociais que construímos a cada situação de contato com os outros. Isso nos leva a perceber que “a correlação entre emoção e corpo é uma experiência que estamos tendo a cada momento segundo seja o grau de nossa permeabilidade aos eventos do mundo” (Romero, 2002, p. 20).

Os sujeitos envolvidos nesse processo possuem, pois, ideias comuns adquiridas em seus grupos de pertença, objetivadas nas descrições que fazem sobre a relação com o outro.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do percurso metodológico que ainda se encaminha, entendemos que os laços formados grupalmente pelos professores têm bases afetivas internas e externas amarrados ou fortalecidos pelas representações sociais formadas no compartilhamento de conhecimentos concebidos como um círculo vicioso. Nessa direção, vemos que a busca por um ambiente em que se considere ao mesmo tempo os aspectos cognitivos e afetivos que caracterizam as ações no cotidiano da instituição possibilita um caminho para discussões favoráveis sobre o contexto escolar, visando concretizar os objetivos pretendidos nos planos educacionais para curto e longo prazo.

Na maioria das narrativas, os professores mostraram-se engajados e satisfeitos com o clima da escola, no entanto, deixaram transparecer sentimentos de tristeza e avaliações negativas com relação aos colegas de trabalho e com o comportamento e interesse dos alunos, provocando sensações como angústia e descontentamento, podendo ser base de representações sociais desses professores que revelam o não envolvimento de forma mais aproximada com a realidade da escola.

Podemos, pois, dizer que tais reações são fenômenos afetivos, provocando, a partir das avaliações que se faz usando as lentes das emoções, condutas que levem os sujeitos a determinadas ações. Do mesmo modo, essas sensações podem cessar depois que o próprio organismo acalma determinadas emoções, fazendo com que este mesmo indivíduo recue na forma de agir, e outras palavras, as situações com as quais ela confunde o sujeito não são apenas incidentes materiais, são também relações interindividuais.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, A. **Meandros da teoria**: a dimensão afetiva das representações sociais. Conferência proferida na V Jornada Internacional de Representações Sociais. Brasília, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**; tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. – São Paulo: Edições 70, 2016.

CAMPOS, P. H. F. Contexto e formação das representações sociais. *In: Anais da XII Jornada Internacional sobre Representações Sociais e X Conferência Brasileira sobre Representações Sociais: representações sociais em tempos de transformações e reconstruções coletivas / organização PR-3 – Pró-Reitoria de Extensão/UERJ, AIRÁ EVENTOS. – Rio de Janeiro: UERJ, 2023.*

JODELET, Denise. Sobre o espírito do tempo e representações sociais. *In: ROSO, A. ; GUARESCHI, P. A; HERNANDEZ, A; R. C; NOVAES, A; ACCORSI, A; GONÇALVES, C. dos S. **Mundos sem fronteiras**: representações sociais e práticas psicossociais. 1. ed. Florianópolis: ABRAPSO Editora, 2021.*

- LEITE, S. A. da S. (ORG). **Afetividade**: as marcas do professor inesquecível. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social / editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 11. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- ORNELLAS, M. de L. S. Representação social do professor-sujeito: um estudo sobre seu endereço e adereço. **Revista da FAEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 18, n. 32, p. 119-127, jul./dez. 2009.
- ORNELLAS, M. de L. S.; OLIVEIRA, I. A. de. (2022). **Pesquisas em Representações**: fronteiras discursivas do sujeito psicossocial. São Carlos: Pedro & João Editores.
- PROTOCOLO DE PESQUISA. **Olhares Psicossociais para a prática docente**. Fundação Carlos Chagas. CIERS-ed. 2017.
- ROMERO. E. **As formas de sensibilidade** – emoções e sentimentos na vida humana. – São José dos Campos: Della Bídia Editora – 2ª edição – 2002.
- WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2007.